

# REVISTA FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

---

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

[www.revistafarol.com.br](http://www.revistafarol.com.br)

## **A mulher moderna e o complexo de cinderela**

Silvana Batista Alves  
Antônio Carlos Zandonadi

## A mulher moderna e o complexo de cinderela

Silvana Batista Alves<sup>1</sup>

Antônio Carlos Zandonadi<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo explora, através de uma revisão bibliográfica, um tema relevante no atual contexto do universo feminino o “Complexo de Cinderela”. O termo foi usado pela primeira vez em 1981 por Colette Dowling e descreve o conteúdo inconsciente da mulher que busca pelo príncipe que irá lhe tirar das situações difíceis, protegendo e salvando-a em antagonismo ao ideal da mulher contemporânea que é autônoma, independente e que saiu da condição de mãe e dona de casa para o mercado de trabalho. De acordo com a bibliografia analisada, mesmo diante das conquistas que a mulher teve no decorrer dos tempos, ainda se encontra na mulher moderna, características que permitem a comparação com arquétipo feminino da “Cinderela” das histórias infantis ocorrendo uma luta interior e esses aspectos do inconsciente lhe causam sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** Mulher. Moderna. Complexo de Cinderela.

## Modern woman and the cinderella complex

**Abstract:** This article explores a relevant topic in the present context of the feminine universe, the "Cinderella Complex". The term was first used in 1981 by Colette Dowling and describes the unconscious woman's content that search for the prince who will take her from difficult situations, protecting and saving her in opposition to the contemporary woman's ideal who is autonomous, independent and that left the condition of mother and homemaker to entry the working market. According to the analyzed literature, even in facing the achievements that women had in the course of time, it still remains in the modern woman, characteristics that allow the comparison with female archetype of the "Cinderella" from children's stories, occurring an inner struggle and these aspects of unconscious cause her mental suffering.

**Keywords:** Woman. Modern. Cinderella Complex.

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 80 foi marcada pela revolução feminista, neste período o livro Complexo de Cinderela levantou vários questionamentos sobre a mulher moderna, fruto dessas conquistas. Acostumadas a uma vida, em que tinha como única e simples missão, serem boas mães e esposas, as mulheres se separaram da figura de autoridade para tornarem-se autônomas. Essa mudança empurrou a mulher para um mundo de ambição, dinheiro, responsabilidades e trabalho. Porém, torna-se difícil que uma mulher historicamente educada para a passividade ocupe esta posição ativa no mundo. Mesmo ocorrendo mudanças na sociedade, as características como arrojado, autoconfiante, auto-suficiente, competidor, estudioso, influente, líder, livre, namorador, poderoso e popular são atribuídas ao sexo

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. E-mail: silvana.psiq@hotmai.com.

<sup>2</sup> Docente no curso de Psicologia da FAROL – Faculdade de Rolim de Moura.

masculino. Por sua vez, o sexo feminino é caracterizado por adjetivos como delicado, dependente, dócil, emotivo, fiel, frágil, ingênuo, meigo, obediente, passivo, prendado, romântico, sensível, submisso, tolerante e vaidoso (DOWLING, 2012).

O termo “Complexo de Cinderela” conceitua-se como um conjunto de desejos reprimidos, memórias e atitudes distorcidas que se iniciam na infância, na crença da menina de que sempre haverá outra pessoa mais forte para protegê-la. Ainda perpetua-se no imaginário coletivo a ideia de que as mulheres foram criadas para depender de um homem e serem aprovadas por ele. Ao mesmo tempo em que se deseja a liberdade, também deseja-se a salvação. Como “Cinderela” as mulheres ainda esperam por algo ou alguém externo, que venha transformar suas vidas, que venha salvá-las, como se fossem incapazes de salvar a si mesmas. O conflito existe entre o profundo desejo de ser protegida e cuidada, e sua necessidade em ter sua liberdade conquistada e ter autonomia (OLIVEIRA, 1983).

Buscando compreender com maior profundidade o tema, foi feita a pesquisa bibliográfica analisando as conquistas da mulher moderna, o comportamento do Complexo de Cinderela e as consequências disso para esta mulher. Vale ressaltar que este estudo não visa estabelecer paradigmas de um padrão de comportamento feminino, mas fazer uma reflexão do que permanece no inconsciente coletivo, transmitido pelos conceitos sociais arraigados em nossa psique.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O percurso histórico do universo feminino**

Nos primórdios quando as sociedades ainda eram agrícolas à mulher cabia o papel de gerar filhos, cuidar deles e fazer pequenos trabalhos com animais e plantações. Essa função continuou por muito tempo na história havendo mudanças no início do capitalismo, quando as fábricas começaram a admitir mulheres por serem uma força de trabalho mais barata (TEDESCHI,2008).

No mundo Grego, o mito que conta a história da criação da mulher, narra que Prometeu entrega aos homens a capacidade de controlar o fogo, e isso deixa Zeus muito zangado, que decidido a se vingar de Prometeu, cria a mulher, ou seja, Pandora. Prometeu renuncia a mulher, pois pensa ser ela apenas parte da vingança. Junto com Pandora é entregue uma caixa que contém todos os males da humanidade e alertada para que jamais a abra, porém por ser curiosa, Pandora, abre a caixa e são libertos todos os males da humanidade, portanto

segundo os gregos a culpa dos males existentes no mundo é da mulher. Assim cria-se um mito negativo com respeito à mulher que além de curiosa libertou os piores sentimentos e foi criada como vingança (BULFINCH, 2002).

Segundo Tedeschi (2008) no final do século XVIII e início do século XIX, perpetuando o pensamento das primeiras sociedades a maternidade ainda era o ideal máximo de realização feminina, sendo essa a função da mulher na sociedade. Os desejos pessoais da mulher não tinha significado, seu dever social seria concentrar-se no papel de mãe e dedicar inteiramente aos cuidados das crianças e responsabilidades pelo lar, conceito esse que ainda, permanece intrínseco no discurso e pensamento da sociedade moderna (SETÚBAL, 1999).

No estudo sobre sexualidade, Giddens (1993), esclarece que durante muitos séculos o conceito do universo feminino foi caracterizado por um pensamento machista apoiado pelas ideias da Igreja e da ciência, que acreditavam que a mulher era inferior por sua condição física, necessitando ficar reservada somente à função de ter filhos.

No século XIX, diante da algema da sexualidade e a ideia de passividade, as mulheres encontraram, nos sintomas histéricos, uma forma de dramatizar sua insatisfação e seu protesto e assim nasce um novo termo “histeria” e é lançada a pedra inicial do método e do pensamento psicanalítico. Assim nesse contexto, Freud inicia seus estudos da psique no universo feminino, nascendo a psicanálise e tendo como elemento a mulher em “crise”, sendo a conjuntura de uma “feminilidade” passiva e o desejo contido de ser, além disso, o que produzia um sofrimento psíquico (FREUD, 1977).

Sendo assim, ainda no final do século XIX e início do século XX, a visão que se tinha da mulher era de submissão e sua função social estava confinada à esfera doméstica. No universo feminino sua natureza e virtudes eram definidas e pautadas na docilidade, receptividade e passividade em relação às vontades e necessidades dos homens, conceito esse que permanece arraigado mesmo na modernidade (GIDDENS, 1993).

## **2.2 O conceito de mulher moderna**

Na modernidade, a figura da mulher se define como capaz de assumir responsabilidades por sua própria vida, tendo a mulher-mãe e a mulher-profissional como opção, inclusive, de realização, mas não mais como imposição de um papel social à sua vontade, assim a mulher nos dias atuais tem “direitos” e “alternativas” diferente de como ocorria no passado (CAMON, 2005).

Quebrando os paradigmas impostos pela sociedade, a mulher moderna tem se estruturado como um indivíduo mais valorizado, que merece respeito, criando um novo olhar para si, diferente daquele concebido até metade do século XX, quando seus papéis eram de modo eminentemente doméstico, restringindo-se ao de ser boa mãe e esposa dedicada (GIKOVATE, 2009). Em virtude dos avanços tecnológicos e científicos do século XX, ocorreram mudanças de crenças e atitudes em relação à liberdade sexual, à igualdade de direitos sociais, profissionais e conjugais afetando assim o universo feminino sendo possível à mulher, o direito de discutir questões enunciadas pelos movimentos feministas como a sua condição, a virgindade, o aborto e o casamento (HOLLANDA, 2016).

Segundo Hintz (2001), dentre os diferentes modos de perceber a mulher contemporânea, destaca-se o novo entendimento que ela tem da maternidade e a representação que faz da atribuição de ser mãe, nesse contexto em função das modificações de seus referenciais de vida, com múltiplos compromissos funcionais fora do lar, o matrimônio e os filhos tão desejados, deixam de ser o objetivo principal, surgindo um distanciamento nos conceitos dos tempos passados para a atualidade.

No ano de 2000, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no Brasil observa-se um crescimento da ordem de 56% da contribuição feminina na força de trabalho, sendo que as pesquisas demonstram ainda que ao longo da história, a mulher tem desempenhado vários papéis, cujos processos se passam nas instâncias da construção da identidade, nas mudanças culturais, religiosas e sociais (BRASIL, 2000).

Assim a mulher atual assume uma multiplicidade de papéis acumulando funções e responsabilidades tornando-se uma "super-mulher", vivendo as preocupações de ser dona de casa e de cuidar das contas; da falta de dinheiro; ser considerada forte para assumir posições no mercado de trabalho; permanecer firme diante das dificuldades da vida, porém em contradição busca colo e proteção de um homem; mostrar racionalidade, mas também quer ser amada, desejada e acariciada por ser "mulher" (GIKOVATE, 2009). Além disto, muitas mulheres enfrentam enorme sentimento de culpa, ao se darem conta que alguns setores de sua vida não recebem tanta atenção como deveriam e para corresponder a tantas cobranças ela tem que fazer um esforço sobre-humano e ainda assim, na grande maioria dos casos, não obtém o sucesso desejado (MORAN, 2012).

Nos dias atuais, ocorre uma grande mudança no paradigma do conceito de "feminino", temos a mulher inserida em todos os setores, com direitos e reivindicando reconhecimento perante o mundo ditado anteriormente pelo homem. No entanto séculos de um estereótipo da

mulher submissa, mãe e senhora do lar, não se revertem em poucos anos, permanece no inconsciente coletivo que a felicidade da mulher estaria subordinada ao encontro do par perfeito simbolizado no ritual do casamento e o final feliz, perpetuando-se o mito da Cinderela, onde a indústria cinematográfica ganha milhões, haja vista que todos querem comprar o imaginário deste amor (BREDEK, 2013).

### 2.3 O conto de fadas “Cinderela”

O conto de fadas “Cinderela” tem sua primeira versão registrada na China no século IX d.C. narrando a história de uma jovem humilde, que faz os serviços domésticos e sofre tratamento humilhante nas mãos da madrasta e da filha, entretanto existe muitas outras versões da história de Cinderela, que também recebe o nome de Gata Borralheira (BETTELHEIM, 2007).

Na idade média a versão de Cinderela é de uma jovem desejada por seu pai que se vê obrigada a fugir de casa sendo salva pelo príncipe. É importante ressaltar que neste período histórico a sociedade medieval apresenta os contos como a realidade em que as pessoas viviam, relatando as desordens e o aspecto por que passavam sem censura, como o pai que deseja a própria filha; a antropofagia de certos povos, que se transforma no gigante comedor de crianças; entre outros (COELHO, 1991, 2009).

Apesar de existir uma versão de Cinderela feita pelos irmãos Grimm a mais popular nos dias de hoje é atribuída a Charles Perrault no ano de 1697. Segundo Bettelheim (2007) os contos foram reescritos, de forma diferente onde se teve o cuidado de suavizar ou retirar alguns detalhes considerados agressivos com a finalidade de apresentá-los às crianças conforme começa a surgir o conceito de infância.

Na versão de Charles Perrault, o conto de fadas da “Cinderela” narra a “estória” de uma menina pobre que é muito amada pelo pai, porém após sua morte, passa a viver com a madrasta e suas filhas, onde ambas tem inveja de sua beleza. A Cinderela sofre com a convivência e acaba virando a serviçal da casa. Apesar de todo o seu sofrimento e dos trapos que vestia, Cinderela continua a ser extremamente generosa, bondosa e bela e com a ajuda de uma fada madrinha Cinderela vai ao baile dado pelo rei, dança com o príncipe e acaba perdendo seu sapatinho de cristal. O Príncipe emprega uma busca pelo reino na tentativa de achar a dona do sapatinho de cristal, porque quem se apaixonou e ordena aos emissários do rei-pai, que a encontrem e que todas as moças do reino calcem o sapatinho. Muitas são as

pretendentes, pois aquela em que o sapatinho servir será a esposa do príncipe tornando-se também uma princesa. Após todas as moças do reino provar o sapatinho, Cinderela calça-o, sendo que este se ajusta perfeitamente ao seu pé garantindo-lhe o direito de ser princesa, casando-se com o príncipe e sendo feliz para sempre (PERRAULT, 1994).

Na atualidade o conto de fadas Cinderela é perpetuado pelos estúdios da Disney que lança em 1950 sua primeira versão do conto com o objetivo de colocar o estúdio de volta ao cenário cinematográfico mundial, após a crise financeira que sofre depois da segunda guerra mundial. O conto de Cinderela exercer uma atração no público se tornando um grande sucesso sendo lançados vários filmes pela Disney como: “Para sempre cinderela”, “Cinderela II - os sonhos tornam-se realidade”, “Cinderela 3 - uma aventura no tempo”, “Encantada”, entre outros, bem como os estúdios Disney criaram uma produtora específica com o tema princesas que movimenta milhões em filmes e produtos da indústria cinematográfica. Cinderela também é recontada em séries como “Sex and the City” e boa parte das comédias românticas” de Hollywood (BREDEK, 2013).

Portanto Cinderela é um conto que tem um forte conteúdo psíquico, trazendo elementos do inconsciente coletivo que exerce ainda na atualidade grande influência no universo feminino (FRANZ, 1990).

#### **2.4 Arquétipos, significados e reflexões presentes no conto de fadas “Cinderela”**

Para entender o significado de “arquétipo”, primeiro precisa-se compreender o significado de inconsciente coletivo. Na psicanálise o conceito de inconsciente coletivo pode ser definido como a parte do inconsciente que é resultado da experiência dos antepassados, ou seja, contém material psíquico que não deriva da experiência pessoal. O conteúdo psíquico do inconsciente coletivo são os arquétipos dando origem às fantasias pessoais e mitológicas de todas as épocas (JUNG, 2000).

Para Jung (2000) algumas lendas, mitos e símbolos nascem na infância da humanidade onde faltando os recursos intelectuais, o homem dava uma explicação natural para aceitar o sobrenatural, sendo uma necessidade psicológica do ser humano a criação de seres fantásticos e a busca de soluções mágicas que superem sua realidade cheia de limitações. Fazendo parte do inconsciente coletivo e sob a visão da psicanálise, os contos de fadas têm a possibilidade de expor os conflitos de cada um e a forma como podem ser superados, recobrando a harmonia existencial, como também trabalhando os sentimentos inconscientes do indivíduo

(BETTELHEIM, 2007). Assim, os contos de fadas, desencadeiam temas universais dos seres humanos, transmitindo a garantia de sucesso na resolução de problemas e contribuindo para a assimilação de conflitos internos (FREUD, 1996).

Nesta perspectiva, os contos de fadas constituíram através dos tempos como formas para a expressão do pensamento mítico e arquétipos que se perpetuaram por desempenharem uma função psíquica (ROCHA, 2000). O conto de fadas de Cinderela assemelha-se com o mito de Psiquê, perpetuando a história e construindo o arquétipo onde a inveja das irmãs, a inveja de uma figura feminina mais velha, as tarefas que são impostas às personagens por conta deste fato, a presença de forças mágicas, o salvamento da donzela pela figura masculina e por fim o casamento como recompensa são idênticos (THOMPSON, 1969).

Segundo Bettelheim (2007) este também é o conto que melhor concretiza os arquétipos femininos, pois contrapõe de forma clara a rivalidade fraterna entre a mãe que na visão psicanalítica seria a representação do Complexo de Electra e com as irmãs. O autor ainda chama a atenção para a figura da mãe boa e da mãe má, que é mantida durante toda narrativa, no personagem da madrasta que representa a mãe má e da fada madrinha na representação da mãe boa. Conforme Propp (2010) também salienta, percebe-se assim o aspecto materno positivo, que direciona ao final feliz e o aspecto negativo como as irmãs que reproduzem o comportamento da madrasta má, sendo rejeitadas e com final de sofrimento.

Segundo Bowlby (1981) na teoria do apego, é importante destacar a importância e influência da figura da mãe na vida de cada sujeito durante o seu crescimento e o desenvolvimento, pois à medida que a mãe oferece uma base de apego seguro, através de um relacionamento caloroso, íntimo e contínuo, torna-se um suporte emocional imprescindível colaborando para um adulto seguro. Também, Winnicott (2006) esclarece que o vínculo afetivo materno é fundamental para garantir ao sujeito uma estrutura psíquica saudável e a construção de relações sociais satisfatórias. Além disso, o vínculo materno contribui para a formação dos relacionamentos posteriores, na ausência dos cuidados maternos, essa falta é entendida como desamparo gerando instabilidade emocional, insegurança e o sofrimento futuro desses sujeitos que reproduzirá esse comportamento ou buscará algumas estratégias para compensar essa carência (WINNICOTT, 2005). No conto de Cinderela isso fica claro, quando se descreve a personagem com qualidades tão admiráveis quanto às de sua mãe e suas irmãs como pessoas tão desprezíveis quanto à própria madrasta - a mãe má - bem como o elemento mágico está relacionado à imagem da mãe boa (BETTELHEIM, 2007).

Fazendo uma análise entre as versões em Perrault, o pai de Cinderela é mencionado



somente no início ficando omissa durante toda a história, na versão de Grimm ele continua presente, porém nada faz para interceder em relação à própria filha quanto aos maus tratos infligidos a ela pela madrasta e suas filhas, preferindo ver a filha sofrendo a ter que se impor a esposa ou ter desentendimento em seu casamento, assim esse aspecto da narrativa demonstra o papel da mulher na família e sociedade exercendo uma função incontestável de poder sobre os dos homens que pertencem às suas vidas, porém precisando da figura masculina salvadora como o no caso do “príncipe apaixonado” ou do “homem” que irá protegê-la do sofrimento (PROPP, 2010).

No conto, as vilãs são a madrasta e suas filhas que não são lindas e têm inveja da Cinderela; a heroína é uma jovem linda, boa, que se torna princesa; o pai da heroína é o protetor que não pode protegê-la; a ajudante e representante da figura da mãe boa é a fada madrinha que auxilia a jovem a tornar-se princesa; o herói é um príncipe, que faz da linda jovem, uma princesa e torna-se seu novo protetor. A heroína é linda, porém não é uma princesa e nem está adormecida. Sua bondade e doçura fazem com que ela seja odiada por aqueles que deveriam ser bons para ela, porém sendo recompensada com o casamento e ainda tornando-se princesa (KREPS, 1992).

Segundo Propp (2010) o final feliz, consagrado pelo casamento de Cinderela com o príncipe, representa a salvação e a recompensa da personagem por todo o sofrimento e a humilhação com que foi tratada. Também simboliza a maturidade e realização individual sendo comparado aos objetivos dos antigos ritos de iniciação sexual, que de certa forma permanece até os dias atuais através das cerimônias religiosas de casamento, que perpetuam entre as gerações o papel “destinado” às mulheres do casamento e a maternidade.

É interessante pautar que nos contos de fadas o final feliz é capaz de inconscientemente acalmar as angústias que sentimos e fazer perceber que há saída para as situações conflituosas que vivemos (BETTELHEIM, 2007). Num nível inconsciente, nos vemos como os heróis e heroínas em situações idênticas a nossa própria vida, sendo o que acontece no conto Cinderela, visto que os personagens não têm nomes permitindo assim o leitor imaginar-se como no papel tendo a sua trajetória pessoal descrita (GIGLIO, 1991). Também perpetua no imaginário feminino a ideia do príncipe apaixonado, que irá tirar a mulher de seu destino de liberdade, o qual deseja, porém ser livre é angustiante. Assim o príncipe traz a calma para as ansiedades e angustia que essa liberdade traz, sendo o remédio para seu sofrimento psíquico (BREDEK, 2013). Vale ressaltar que os elementos analisados neste conto, constituem arquétipos presentes no inconsciente da mulher dita “moderna”,

colaborando para compor o conteúdo inconsciente que caracteriza o chamado “Complexo de Cinderela” da busca pelo “Príncipe” que de preferencia seja encantado, ou seja, amável, bem sucedido financeiramente e socialmente, romântico, que ouça seus desejos, enfim com todas as qualidades que a mulher moderna busca (DOWLING, 2012).

## 2.5 O Complexo de Cinderela

O termo “Complexo de Cinderela” surge muito depois de Freud, o pai da psicanálise, ter estudado o sofrimento feminino, sendo usado pela primeira vez na década de 80 na era da mulher moderna e é uma expressão usada em alusão ao personagem de contos de fadas Cinderela. O Complexo de Cinderela consiste num sistema de desejos reprimidos, memórias e atitudes da mulher, que tiveram sua origem na infância, sendo que, independente da idade, no inconsciente, existe uma criança que vive assombrando todos os planos da vida, criança essa que ambiciona ter um “príncipe perfeito” que a abrigue e lhe proporcione uma vida sem esforço, sem perigos, que disponha a sustentá-la e protegê-la material e moralmente tal como acontecia com a Cinderela e o príncipe (DOWLING, 2012).

O Complexo de Cinderela é a estagnação da energia do impulso realizador de desejos da fase do Complexo de Édipo, ocorrendo a ambivalência entre a independência e a dependência emocional, a necessidade de ser amada, ou seja, o desejo inconsciente de obter cuidados de outra pessoa e o medo de ficar sozinha e da independência. Esse fenômeno pode ocorrer tanto em mulheres, quanto em homens, cujo psiquismo feminino esteja acentuadamente voltado ao desejo de proteção afetiva, principalmente paterna, que lhes possibilite tanto a ajuda quanto a sustentação em suas atividades, sendo assim, vivem como se estivessem a esperar a figura de um príncipe ou princesa (Pai e Mãe) que se tornam figuras idealizadas e imaginárias quase sempre projetadas para o casamento, que muitas vezes leva a decepções ou frustrações afetivas, quando o ser amado não atende ou corresponde suas expectativas e ansiedades psíquicas (DOWLING, 2012).

Em contradição ao ideal da mulher contemporânea e independente, este complexo tem origem na educação, na cultura, e permeia no imaginário popular as pequenas “mulherzinhas” educadas para serem “princesas”, diferente do homem que logo cedo são incentivados a ter coragem:

Fomos criadas para depender de um homem e sentirmo-nos nuas e apavoradas sem ele. Fomos ensinadas a crer que, por sermos mulheres, não somos capazes de viver por nossa conta, que somos frágeis e delicadas demais, com absoluta necessidade de

proteção. De forma que agora, na era da conscientização, quando nossos intelectos nos ditam a autonomia, o emocional não-resolvido derruba-nos. A um só tempo almejamos libertar-nos dos grilhões e ter quem (cuidando de nós) os recoloque (DOWLING, 2002, p. 15).

A mulher quando é criança, já cresce envolvida pelos cuidados dos pais, reforçando seu inconsciente que sempre terá um amparo à sua espera, sendo tratada como ser frágil, que não pode cuidar-se sozinha, assim crescem na espera que de uma forma mágica alguém venha ajudá-las, sempre que precisar. O Complexo de Cinderela passa a ideia de que a mulher não precisa dela mesma, mas sim dos outros, tornando-a inconscientemente dependente, ameaçando sua autonomia reduzindo suas capacidades:

(...) aprendi que, há muitas mulheres como eu, milhares e milhares de nós, criadas de um modo tal que nos impossibilita encarar a realidade adulta de que toca a nós, apenas, a responsabilidade por nós mesmas. Podemos até verbalizar essa ideia, mas, no íntimo, não a aceitamos. Tudo na forma de sermos educadas continha a mensagem de que seríamos protegidas, sustentadas, alimentadas pela felicidade conjugal até o dia de nossa morte (DOWLING, 2012, p.11).

Ainda segundo Dowling (2012), a mulher tende a reverenciar para si culpas alheias, que na realidade, não lhes pertencem e temem que se cometerem algum engano, ou fizerem a coisa errada, serão punidas. E para escapar da angústia que esses fatores acarretam, vislumbram no casamento uma oportunidade de se tornar imunes a qualquer problema anulando o direito de viver por si próprias e assumir os riscos:

Podemos aventurar-nos a viver por nossa conta por algum tempo. Podemos sair de casa, trabalhar, viajar; podemos até ganhar muito dinheiro. Subjacente a isso tudo, porém, está o conto de fadas, dizendo: agüente firme, e um dia alguém virá salvá-la da ansiedade causada pela vida (DOWLING, 2012, p. 13).

Assim, muitas mulheres acreditam que uma vida mais feliz acontecerá com um relacionamento perfeito, somente essa realidade será capaz de livrá-la da carência e da solidão (DOWLING, 2012). Ela vai a festas e eventos à procura do homem ideal, acreditando que sua vida e sua rotina serão mudadas quando ela encontrar o príncipe perfeito. Presa a sua infância ela vive descontente com seu trabalho, com suas relações, há sempre um vazio incomodando (WOLF, 1992).

## 2.6 Implicações do Complexo de Cinderela

O Complexo de Cinderela pode ser prejudicial ao desenvolvimento psicológico e ao equilíbrio emocional, pois a mulher deixa de fazer o melhor por ela mesma, por acreditar que

algo venha de fora e transforme sua vida, criando inconscientemente a dependência psicológica juntamente com o desejo de ser cuidada por alguém. Ao aceitar a voz do Complexo de Cinderela, de forma geral, parece uma situação contraditória, porque se a mulher moderna luta pela sua independência, mas ao mesmo tempo a mulher Cinderela quer encontrar alguém que cuide dela (KREPS, 1992).

Segundo Dowling (2012) há também quem passa a vida inteira desejando uma transformação, quer seja no casamento, quer seja no trabalho, ao invés de aproveitar a conquista se depara com a sensação de que não está feliz de verdade, porque não encontrou o que merecia. Por causa da insatisfação que sente a Cinderela sonhadora sempre irá querer mais e mais. Outras mulheres Cinderelas irão assumir o papel de protetora dos filhos, do marido e de demais parentes que aparecer, isso serve para dar-lhes um pouco de autoestima. Enquanto cuida dos outros a mulher Cinderela abandona a si mesma, sempre se doando mais e recebendo de menos. Sendo assim, irá responsabilizar o marido e demais por não ter vida própria, assumindo um estado de carência e culpa (BREDEK, 2013).

Essa mulher Cinderela, mesmo vivendo no século XXI onde vigora a ideia da mulher moderna independente e que busca a auto-realização, coloca-se nas mãos do outro para ser cuidada, responsabilizando o mundo pelas suas realizações, pois é onde acredita que está a força e o vigor, assim essa mulher vive em desequilíbrio em seus ideais (GIDDENS, 1993). O medo faz parte de sua psique, e por consequência desse medo surge a insegurança de o príncipe nunca mais chegue. Assim as mulheres subestimam-se, autossabotando-se, menosprezando-se e não tendo capacidade para resolver seus problemas (DOWLING, 2012).

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Reproduzindo o mito de Psiquê da Grécia antiga, a mulher “Cinderela” dos dias atuais, inconscientemente ainda espera por algo externo de grande força que mude sua vida. Este desejo inconsciente de cuidados paternalistas do marido ou de outrem, a dependência psicológica, o temor de ser dona de si e ao mesmo tempo desejar a independência gera um conflito interno que traz grande sofrimento. Esse conflito se caracteriza pela ambivalência de um self derrotado de querer ser cuidado ou ser salvo e do self autônomo capaz de cuidar de si mesmo (DOWLING, 2012).

Conforme Moran (2012) analisa, a mulher contemporânea carrega consigo o sentimento de culpa por não corresponder a tantas cobranças; culpa por não desejar ser mãe e

dona de casa; culpa por não conseguir realizar todos os papéis que adquiriu com a revolução feminina parecendo perpetuar o mito de Pandora que é a responsável pelos males do mundo.

Freud (1977) entra para a história ao buscar investigar e entender pacientes que apresentavam a histeria, doença do século XIX, que afetava principalmente as mulheres coincidindo com as profundas mudanças que ocorreram com a industrialização, afetando os conceitos e identidade do papel da mulher e assim nasce a Psicanálise. Nos dias atuais os termos mudaram da histeria passamos ao “Complexo de Cinderela”, porém o sofrimento psíquico continua.

O inconsciente coletivo conforme Jung (2000) comenta, perpetua o arquétipo onde a função maior da mulher permanece a de ser mãe e cuidadora do lar. Assim, já na infância é transmitido esse conceito até mesmo nos contos de fadas, nos quais as pequenas “mulherzinhas” podem ser salvas pelo príncipe e tornam-se “princesas”, assim faz parte do imaginário coletivo, a representação fantasiosa do que é ser mulher. Esse mito embora desconstruído com a ideia de uma mulher mais atualizada com sua época, ou seja, a mulher moderna com novos paradigmas ainda permanece em seu inconsciente.

Mesmo que a mulher seja inteligente, instruída e independente financeiramente, parece que falta algo para ela e este algo só vai completar quando seu príncipe encantado chegar. Mesmo buscando o reconhecimento profissional e independência a mulher também tem a grande necessidade de seduzir um coração masculino, sendo a recompensa que todas as heroínas ambicionam “o príncipe bem sucedido e apaixonado” que a pede em casamento e são felizes para sempre (BREDER, 2013).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na análise desta pesquisa, pode-se dizer que o termo usado para qualificar o “Complexo de Cinderela” em alusão ao conto de fadas Cinderela não poderia ser de outro conto, visto que Branca de Neve ou a Bela Adormecida, também princesas, porém estão adormecidas na espera do príncipe salvador. No caso de Cinderela ela também espera ser encontrada pelo príncipe, contudo não está adormecida, ou seja, simbolicamente sem ação num estado de passividade. Ela tem atitude igual à mulher contemporânea que luta por seus direitos, conquista espaço no mercado de trabalho saindo da condição de menos na sociedade para ser reconhecida com igualdade, porém não tendo definição de sua identidade igual ao personagem do conto de fadas se é gata borralheira ou princesa. Assim a mulher moderna

também vive o conflito de um inconsciente que traz os conteúdos das tradições do passado e o ideal de um novo feminino.

Vale ressaltar que o desejo da mulher de ter um companheiro, ser mãe, constituir uma família, casar com todos os rituais iguais que suas ancestrais o fizeram, não constitui em si “Complexo de Cinderela”. O que caracteriza o complexo é o sofrimento psíquico, que esta mulher sente em não saber definir seu papel, sua função e o que de fato a faz feliz. Não é necessário para ser uma mulher moderna deixar de ser mãe e só assumir o papel profissional, e que tal escolha não, necessariamente, implicará no Complexo de Cinderela, sendo a questão nesse caso é a ambivalência entre a autonomia e dependência psíquica.

Na análise desta pesquisa, percebe-se que mesmo diante dos avanços alcançados no que chamamos universo feminino, similar aos séculos passados, a mulher contemporânea ainda carrega consigo como se fosse estigma ou punição a autoestima rebaixada, despersonalização, ansiedade, medo, insegurança, ou seja, o mesmo sofrimento psíquico e até adoecimento emocional vertido no que nomeou-se na era moderna de “Complexo de Cinderela”.

Conclui-se, portanto, que a pretensão deste artigo em enriquecer e aprimorar conhecimentos com afinidade de desenvolver experiência profissional e pessoal foi atingido, além de proporcionar ao leitor maior compreensão da psique feminina e os conflitos que a mulher moderna enfrenta. Porém, por se tratar de um tema relevante sugere-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas com o objetivo de aprofundar o conhecimento neste campo.

#### 4 REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em parceria Sistema Nacional de Informação de Gênero, 2000. Disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/spmulheres.Comunicação Social, 22/05/2006](http://www.presidencia.gov.br/spmulheres.Comunicação%20Social,22/05/2006)>. Acesso em: 09 out. 2015.

BREDER, F. **Feminismo e príncipes encantados**: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney, Ebook Kindle Amazon, 2013.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia, história de deuses e heróis**. 28.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

- CAMON, V. A. A. **As várias faces da psicologia fenomenológico–existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Conto de fadas**: símbolos, mitos, arquétipos. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- DOWLING, C. **Complexo de cinderela**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- FRANZ, M. L. V. **A interpretação dos contos de fada**. 3.ed. Tradução: Maria Elci Spaccaquerque Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990.
- FREUD, S. [1913]. **A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.
- \_\_\_\_\_. [1905]. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. VII.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: EDUNESP, 1993.
- GIKOVATE, F. **Uma nova visão do amor**. 5. ed. rev. São Paulo: MG Editores, 2009.
- GRIMM, J. A gata borralheira. In: ESTES, C. P. (Org.). **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- GIGLIO, Z. G. **Contos maravilhosos**: expressão do desenvolvimento humano. Campinas: NEP/UNICAMP, 1991.
- HINTZ, H. C. **Novos tempos, novas famílias da modernidade a pós-modernidade**. Porto Alegre: Revista Pensando Famílias, 2001.
- HOLLANDA, H. B. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: Uma primeira abordagem. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luíza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MORAN, C. **Como ser mulher**: um divertido manifesto feminino. São Paulo: Editora Paralela, 2012.
- KREPS, B. **Paixões eternas, ilusões passageiras**: uma análise do mito do amor romântico. São Paulo: Saraiva, 1992.
- OLIVEIRA, L.S. **Masculinidade, feminilidade, androginia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- PERRAULT, C. Cinderela ou o sapatinho de cristal. In: PERRAULT, C. **Contos de Perrault**. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1994.

PROPP, V.I. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ROCHA, C. M.L. **Dos contos de fadas aos superheróis**: mulheres e homens brasileiros reconfiguram suas identidades. Psicologia Clínica, 2000.

SETÚBAL, A. A. Análise de Conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. In: MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

TEDESCHI, L.A. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

THOMPSON, C. **Evolução da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **O bebê e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WOLF, N. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.



Recebido para publicação em fevereiro de 2017

Aprovado para publicação em março de 2017